



Junia Ferreira Furtado

Um cartógrafo nas Minas

O engenheiro militar português José Joaquim da Rocha se destaca entre os profissionais especialistas que serviram na região das Minas Gerais, no século XVIII, por seus elaborados mapas da capitania, que entrelaçam os elementos constitutivos de sua geografia, sempre presentes nessas representações.

333

José Joaquim da Rocha ófes an. del 1778

> José Joaquim da Rocha foi um engenheiro militar português que serviu no Brasil na segunda metade do século XVIII. Durante sua estada em Minas Gerais, compôs vários mapas do território que compreendiam a Capitania de Minas Gerais. São conhecidos como de sua autoria quatro mapas que representam a capitania como um todo, sendo dois realizados em 1777 e os demais em 1778 e 1793. Em 1796, Rocha produziu ainda um mapa das Cabeceiras do Julgado do Rio das Velhas e, em 1798, um mapa do Rio Doce.¹

No conjunto de sua produção cartográfica, destacam-se cinco mapas datados de 1778, até hoje muito admirados. Um deles, como já foi dito, retrata a capitania e os quatro outros tratam, cada um, das comarcas de que ela se compunha: Rio das Mortes, Sabará (Rio das Velhas), Vila Rica (Ouro Preto) e Serro do Frio.² O mapa da Comarca do Sabará apresenta instigante iluminura na qual está representado um garboso engenheiro militar traçando um mapa – o próprio cartógrafo? Esse mapa pertence ao acervo do Arquivo Público Mineiro.

Durante sua estada em Minas Gerais, José Joaquim da Rocha também escreveu três importantes memórias históricas sobre Minas Gerais.³ A primeira delas, intitulada *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais*, redigida provavelmente entre 1778-1780, foi dedicada ao novo governador da capitania, dom Rodrigo de Sousa Coutinho, recém-empossado no ano de 1780.⁴ Na dedicatória do texto, Rocha informou que reunira na *Memória* todas as informações que poderiam ser úteis ao governador no desempenho do seu posto.

O costume de dedicar esse tipo de texto às autoridades era tradicional no mundo luso-brasileiro e configurava prática corriqueira no contexto do Iluminismo do início dos Setecentos, pois se procurava barganhar mercês

e honras em troca de saber. Afinal, se saber é poder e, como tal, é instrumento de Estado, o produtor desse saber deveria ser recompensado com vantagens honoríficas, mas que também implicavam recompensas pecuniárias.

A segunda memória, desta feita nomeada *Geografia – a descrição geográfica, topográfica, histórica e política da capitania das Minas Gerais*, foi finalizada em 1783 e trata-se de um texto que, salvo pequenas modificações, era quase idêntico ao primeiro. Já o terceiro manuscrito, a *Memória histórica da Capitania de Minas Gerais*, veio à luz em 1788 e, como esperado, era dedicado ao novo governador da capitania, o visconde de Barbacena. Seguindo a mesma estratégia dos textos anteriores, incluía observações sobre o período governado por Luís da Cunha Meneses e os primeiros meses da administração de Barbacena.

Origens

Nascido em Portugal por volta de 1740, na localidade de São Miguel da Vila de Souza, ao sul de Aveiro, no Bispado da Extremadura, José Joaquim da Rocha era filho do capitão Luís da Rocha e de dona Maria do Planto.⁵ Há poucas informações sobre sua vida enquanto esteve no reino, mas sabe-se que chegou às Minas Gerais quando era governador Luís Diogo Lobo da Silva (1763-1768). Estabeleceu-se na capitania até a sua morte, em 1804, tendo permanecido solteiro. Quando da Inconfidência Mineira, residia em Vila Rica e, apesar de ter declarado junto aos Autos da Devassa que vivia de seus negócios, fizera carreira militar e servira no Regimento de Cavalaria – os famosos dragões de Minas Gerais.

Como militar, em 1778, alcançou a patente de cabo de esquadra,⁶ quando então se desligou do serviço militar nas tropas regulares. Até essa época, como engenheiro

militar, trabalhara em vários planos para fortificar pontos-chave da capitania.⁷ Em 1782, foi-lhe concedida ainda a patente de “sargento-mor das ordenanças dos distritos das capelas de São Luís da Conquista e Santo Antônio da Barra, do termo da vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas Novas do Araçuaí”, provavelmente como mercê pela produção dos mapas e da *Geografia Histórica*.⁸ O posto era, antes de mais nada, uma patente de caráter honorífico, pois tal função não era remunerada. Porém, como os nomes dos agraciados eram escolhidos apenas entre os principais das vilas, o ganho era simbólico e se realizava na esfera social, pois distinguia uns em detrimento de outros. Em Cuiabá, por exemplo, o governador Rodrigo César de Meneses recomendou que os oficiais de ordenança “de alferes para cima, inclusive, serão homens dos principais das terras, de melhor consciência, e os mais ricos”.⁹

As companhias de ordenanças constituíam força auxiliar às tropas regulares e, em geral, congregavam homens que não possuíam instrução militar sistemática, apesar de desempenharem, entre outras funções, atividades dessa natureza. Foi comum, nas Minas, que esse tipo de patente fosse concedido a indivíduos ligados às artes, como músicos, escultores e pintores.¹⁰ Tal era também o caso de José Joaquim da Rocha, cujas atividades de cartógrafo e memorialista podem ser inscritas nesse universo, ainda que, conforme já dito, fosse militar de carreira.

Por meio dessas atividades militares, conheceu profundamente a capitania, tomando medidas das distâncias entre as diversas localidades, e foi essa experiência que permitiu que ele produzisse importantes mapas da área.¹¹ Inicialmente, essa atividade esteve diretamente ligada a sua função militar, mas, depois de dar baixa do serviço, elas adquiriram uma dimensão ainda maior e, como

a produção das memórias, tornaram-se atividade autônoma e autorreferente. Assim, ele relata que,

[...] servindo a Sua Majestade Fidelíssima vinte e dois anos em praça-de-esquadra, na Europa e nestas Minas, tive a honra de as descrever em Carta Corográfica, por ordem dos Ex^{mos}, Generais que as governaram; desde o tempo do governo do Sr. Luís Diogo Lobo da Silva [a] te o do Sr. Antônio de Noronha, que todos me ocuparam neste trabalhoso exercício; e fazendo eu nele um particular estudo, por ser do meu gênio e da minha maior aplicação.¹²

O texto introdutório de José Joaquim da Rocha à primeira *Geografia histórica* e a carta endereçada a Martinho de Melo e Castro¹³ são alguns dos indicativos de que essas atividades – a de cartógrafo e a de memorialista – estavam inseparavelmente imbricadas. Ambas se desenvolveram de forma concomitante e culminaram em 1778, quando o cabo de esquadra deu baixa em sua patente. Naquele ano, ele produziu as cinco cartas geográficas e iniciou a redação do texto histórico, como ele mesmo conta:

E sucedendo dar baixa por não ter com que passar no serviço, cuidei logo em dar os últimos fins ao meu trabalho, com o socorro do capitão Francisco Antônio Rebelo, que me ajudou, procurando com o seu respeito, diligência e zelo, todas as notícias que me podiam ser ocultas e ainda recordando-me de muitas que não chegaram à lembrança.¹⁴

Cartografia moderna

A primeira observação que salta aos olhos, com base em um exame apenas superficial dessas cartas, é que José Joaquim da Rocha estava preparado para

SABARA.



Serra da Tabatinga

empregar as técnicas mais modernas na produção de cartas geográficas. Percebe-se, então, que ele tinha sido treinado e se beneficiou das recentes transformações ocorridas nas artes da cartografia e da geografia implementadas em Portugal a partir da primeira metade do século XVIII.¹⁵ Como militar, enquanto esteve no reino, em meados do século XVIII, Rocha foi muito provavelmente preparado para o exercício da função de engenheiro nas classes da Aula Régia de Arquitetura Militar, recebendo formação segundo os novos métodos nas áreas de construção de fortificações, de artilharia militar e da cartografia, o que se espelha claramente nos mapas realizados por ele em 1778.

As cinco cartas apresentam várias convenções geográficas esquemáticas como apregoavam as normas que vinham se universalizando: cada mapa é colorido em tons de sépia, as estradas são tracejadas, o campo aparece coberto por pequenas árvores, os rios são riscados com duas linhas contínuas em paralelo, pequenos montes marcam as serras e as cadeias de montanhas e o sombreado é feito da esquerda para a direita. Entre outros aspectos, os núcleos urbanos são representados por meio de símbolos mais ou menos complexos, o que espelha a própria hierarquização dos núcleos de povoamento no interior do Império português. Isso ocorre, segundo Cláudia Damasceno Fonseca, em paralelismo com a hierarquização da própria estrutura social, pois o enobrecimento das localidades se desenvolvia no interior de um sistema de concessão de títulos, patentes e privilégios, típicos de Antigo Regime, que de forma correlata enobrecia também seus habitantes.¹⁶

É segundo essa concepção que hierarquicamente as aldeias de gentios são indicadas apenas por um pequeno aglomerado de pontos em vermelho e as fazendas, por um triângulo da mesma cor. Já as sedes de capelas são designadas por um círculo também vermelho encimado por uma cruz; as paróquias,

por um quadrado que envolve um círculo vermelho encimado por uma cruz; as vilas, por uma pequena igreja de torre lateral e as cidades, por uma igreja um pouco maior com torre central, ambas envolvendo também um pequeno círculo vermelho central.

Contudo, o mais importante é que nos cinco mapas as imagens cartográficas buscam apresentar uma perfeita correspondência com a região representada. Todas as cidades, as vilas, as estradas, os registros, os rios e os limites da capitania estão razoavelmente dispostos em suas posições no território e as escalas apresentam uma adequada proporção com o espaço real. Uma escala em léguas disposta em um dos cantos das cartas enfatiza ainda mais a perfeita relação entre o território real e a sua representação espacial. Além disso, uma rosa dos ventos indica a posição da capitania e suas subdivisões em relação aos pontos cardeais e, nas bordas, estão marcadas as graduações dos meridianos e das latitudes entre os quais a região se localiza, estabelecidas a partir do meridiano da ilha de Ferros.

O quadriculado sobre o qual se sobrepõem as entidades geográficas desenhadas nos mapas sugere que as medidas foram tomadas com base no método de triangulação. Dessa maneira, os elementos que Rocha dispõe nesses mapas – as cidades, as vilas, as fazendas, os registros, as guardas, as estradas etc. – só podem ser entendidos como integrantes de uma unidade geopolítica autônoma, denominada a Capitania das Minas Gerais, que se conecta hierarquicamente ao Império Português como uma de suas partes. Todas as informações de interesse da Coroa estão ali dispostas e integradas ao mundo civilizado que os portugueses construíram nas Minas a partir das estradas que cruzam o território, interligando-o.

Mesmo os acidentes naturais, rios e montanhas só fazem sentido no interior desse espaço humano e, em geral, servem para demarcar os limites ou mesmo as

subdivisões internas da capitania. Quando vistos em conjunto, seus mapas revelam que as Minas Gerais se configuram para José Joaquim da Rocha como uma entidade única, em contraposição ao seu entorno: as demais capitanias limítrofes. Território, população e riqueza se entrelaçam, tornando a capitania única em relação ao restante do Império português. São esses três elementos que conferem coesão e dotam as Minas de sua alteridade.

Notas |

1. Sobre estes mapas e suas localizações ver: COSTA, Antônio Gilberto; FURTADO, Júnia Ferreira; RINGER, Friedrich E.; SANTOS, Márcia Maria D. Os mapas de José Joaquim da Rocha. In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Cartografia da conquista das minas*. Lisboa: Kappa; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 145; e Romeu do Nascimento Teixeira. (Org.). *O vale do Rio Doce*. [S.l.]: Companhia Vale do Rio Doce, 2002, p. 65.

2. Análise desses mapas pode ser vista em FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-187, jul.-dez. 2009.

3. Maria Efigênia Lage de Resende, em seu levantamento sobre os escritos de José Joaquim da Rocha, encontrou 12 manuscritos, que resultaram nas três versões oficiais do texto. Para um estudo mais aprofundado da sua memorialística, ver: RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Estudo crítico. In: ROCHA, José Joaquim da. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995, p.13-66. RESENDE, Maria Efigênia Lage de. A disputa pela história: traços inscritos na memorialística histórica mineira dos finais do setecentismo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 20, p. 60-77, março 1999.

4. ROCHA. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*.

5. Foi ele mesmo que forneceu essas informações quando prestou depoimento nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Disse em 1789 que tinha 49 anos de idade. *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*. (ADIM). Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981. v.4, p. 115. Cf. RESENDE. Estudo crítico, p.13-66.

6. A patente de cabo de esquadra era de condição inferior na estrutura militar, porém, era considerado oficial. ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. *Dicionário histórico das Minas Gerais*: período colonial. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 219. (Verbetes: organização militar.)

7. RESENDE. Estudo crítico, p. 19; RESENDE. A disputa pela história...

8. Arquivo Público Mineiro. Livro de Patentes, f. 926-927. *Apud* RESENDE. Estudo crítico, p. 22.

9. Registro do regimento e forma q. se hão de governar as ordenanças. *Apud* CANAVARRAS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004. p. 129.

10. ROMEIRO; BOTELHO. *Dicionário histórico das Minas Gerais* – período colonial, p. 220.

11. COSTA; FURTADO; RINGER; SANTOS. Os mapas de José Joaquim da Rocha, p. 145-151.

12. ROCHA. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*, p. 74.

13. Ele afirma que em Minas se dedicou à “fatura de diferentes [a] petrechos de prevenção para a defesa desta Capitania, na descrição dela em carta corográfica e, ultimamente, em história, com a notícia de seu descobrimento, estabelecimento, rendimento e despesa por ano”. ADIM, 1982, v. 5, p. 48-49. *Apud* RESENDE. Estudo crítico, p. 44.

14. ROCHA. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*, p. 74.

15. BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Desenho e designio*: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822). Tese (Doutoramento em Arquitetura e Urbanismo), USP, São Paulo, 2003. BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. O engenheiro artista: as aquarelas e as tintas nos mapas do novo mundo. In: FURTADO, Júnia Ferreira (Org.). *Formas, sons, cores e movimento na modernidade atlântica* – Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume, 2008. p. 375-384.

16. FONSECA, Claudia Damasceno. *Des terres aux villes de l'or*: pouvoirs et territoires urbains au Minas Gerais (Brésil, XVIIIe siècle). Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2003; FONSECA, Claudia Damasceno. Funções, hierarquias e privilégios urbanos: a concessão dos títulos de vila e cidade na capitania de Minas Gerais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 29, p. 39-51, 2003.

Junia Ferreira Furtado é professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autora, entre outros, de *Diálogos oceânicos* (Editora UFMG) e *Chica da Silva e o contratador dos diamantes* (Companhia das Letras).

Capa

Mappa topografico da Fazenda do Mello vinculada a do Jagoara e suas anexas em beneficio de Cauza Pia e Publica por decreto Régio de 4 de junho de 1787. José Joaquim da Rocha, [17--]. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-011(02).

Folha de rosto

Mapa do caminho do Rio de Janeiro para Vila Rica. Autor desconhecido, [17--]. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-014.

Expediente

Planta extrahida do Mappa da Provincia, (ilegível) Serra Parayba, nas cabeceiras do Rio Capivari que do Salto para baixo, he conhecido por Sapocahi Guaçu. Autor desconhecido, [18--]. Arquivo Público Mineiro – Presidência da Província (correspondência recebida/ diversos) – PP-016.

Sumário

Mappa das Salitreiras Naturaes de Linhares na Mata do Distrito da Formiga vertentes do Rio São Francisco desde o Porto R até o de Mariquita, das Fazendas, do dito Território, e das Fabricas estabelecidas p^a extração de Salitre em 1810. Autor desconhecido, 1810. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-008.

Editorial

Mappa Topografico da Freg^a de Pouso Alto e seus contornos. Autor desconhecido, [1738]. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-001.

Páginas 22, 23, 106 e 107

Mapa topográfico da povoação da ex-Vila do Presídio. A. P. Pinto, 1854. Arquivo Público Mineiro – Presidência da Província (correspondência recebida/ diversos) – PP-012.

Páginas 30 e 31

As pedreiras das lajes na *Planta da Cidade de Ouro Preto organizada por ordem do Exmo. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, Presidente da Província.* Ouro Preto, 1888. Reprodução a partir de gravura de Giesecke & Devrient, Leipzig; 60,0 x 91,0 cm. Coleção Dimas Guedes, Ouro Preto.

Páginas 82 e 83

Mapa da Capitania de Porto de Seguro. João Teixeira Albernás, 1631. Mostra a Serra das Esmeraldas. Original da Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro. In: ALBERNAS, João Teixeira. *Atlas do Estado do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Páginas 108 e 109

Inscrições rupestres de São Tomé das Letras. In: MATTOS, Aníbal. *Monumentos históricos, artísticos e religiosos de Minas Gerais.* Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura; Edições Apollo, 1935.

Páginas 126 e 127

Detalhe da *Carta Geográfica do Termo de Villa Rica, em q se mostra que os Arrayaes de Catas Altas da Noroega, Itaberaba e Carijós lhe ficam mais perto, q ao da Villa de S. José a q pertencem, e igualmente o de S. Antônio do Rio das Pedras, q toca ao do Sabará, o q se mostra, pela Escala, ou Petipe de Léguas, c. 1766.* Recorte da área onde se situa o Capão do Lana. In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Cartografia da conquista do território das Minas.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2004.

Páginas 142 e 143

Sala José Pedro Xavier da Veiga. Fotografia de Flávio de Paula do Espírito Santo, Belo Horizonte, 2008. Arquivo Público Mineiro – arquivo corrente.

Páginas 152 e 153

Detalhe com autoria e data do Mappa da Comarca do Sabara. José Joaquim da Rocha, 1778. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-005.

Páginas 156 e 157

Detalhe da iluminura do *Mappa da Comarca do Sabara*, possivelmente um autorretrato de José Joaquim da Rocha. Arquivo Público Mineiro – Seção Colonial (Secretaria de Governo – Colônia) – SC-005.

Agradecimentos

Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal
Dimas Guedes
Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro
Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG
Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte
Museu da Inconfidência, Ouro Preto
Museu Mineiro, Belo Horizonte
Professor Friedrich Ewald Renger

A **RAPM** agradece a todas as instituições que autorizaram, gentilmente, a reprodução das fotografias deste número. Envidaram-se todos os esforços para reconhecer e contatar a fonte e o detentor dos direitos de *copyright* de todas as fotografias. Desculpamo-nos por quaisquer erros ou omissões involuntárias, que poderão ser retificados, em forma de errata, nos volumes futuros desta revista.

O conteúdo dos artigos e ensaios publicados na **RAPM** é de inteira responsabilidade dos autores.



Bússola, 1770. Madeira, metal, linha, papel, vidro. 6,0 x 5,0 x 2,3cm. Museu Mineiro. Coleção Arquivo Público Mineiro – MMI 990.0798.